



Protagonismo Juvenil – incentivando a participação no ambiente escolar¹

Taís Poliana Evangelista de OLIVEIRA²
Janaina de Oliveira NUNES³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

O presente artigo deseja apresentar o Protagonismo Juvenil como um resultado próprio da educomunicação que se verifica quando alunos participam de atividades escolares realizadas e propostas pelos mesmos. Em um primeiro momento, observaremos os conceitos do Protagonismo Juvenil de forma a analisar a naturalidade de sua presença no ambiente escolar e depois, através da observação de uma atividade prática de educomunicação realizado em uma escola, veremos como Educação e Comunicação trabalham juntas para a aplicação destes conceitos. Nesta segunda parte apresento o trabalho feito na Escola Internacional Saci, de Juiz de Fora, que reúne alunos de 5^a à 8^a série para uma atividade extracurricular ligada à produção de um jornal impresso de veiculação semestral.

Palavras-chave: adolescente; Protagonismo Juvenil; participação; comunicação; educação.

Introdução

Trabalhar com jovens parece uma tarefa difícil. Esse período de transição, entre as idades infantil e adulta – pequenos demais para algumas coisas, grandes demais para outras – dificulta a definição sobre quem são, seus pensamentos, como se comportam, como veem o mundo. Mas será mesmo que esta idade é tão complicada assim? Quais são as principais dificuldades? Por que estabelecer uma convivência é tão difícil? O fato de já terem passado por isso não poderia preparar os adultos para lidar com os mais jovens? Tais indagações são semelhantes às da pesquisadora Aline Maia (2009) quando em sua dissertação de mestrado analisou os jovens de uma comunidade de Juiz de Fora, na tentativa de entender os comportamentos comuns nessa fase da vida.

Segundo Juliana Thimóteo Nazareno Mendes (2008), a juventude é socialmente construída e, por isso, variável conforme o contexto social e histórico em que os

1. Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

2. Graduanda em Comunicação Social pela UFJF, email: taisevanolli@hotmail.com

3. Orientadora e professora mestre da Faculdade de Comunicação da UFJF, email: ninaolinunes@yahoo.com.br

4. Os termos adolescente, jovens e juventude serão tratados neste artigo como sinônimos.



seus sujeitos estão inseridos, sendo também um grupo suscetível às diferenças de gênero e etnia dos indivíduos que o compõem. Só por estes elementos, poderíamos acrescentar um *s* ao termo juventude, uma vez que já se evidencia a existência de várias *juventudes*: a da periferia, a negra, a católica, a juizforana, por exemplo (MENDES, 2009 apud MAIA, 2009, p. 57).

Uma vez entendida assim, uma única juventude substituída por várias *juventudes*, encontrar trabalhos para atingir esses diferentes grupos pode ser uma dificuldade muito grande para os educadores. Como os interesses divergem de grupo para grupo, formando as famosas panelinhas, encontrar um ponto comum para estabelecer um trabalho com adolescentes é uma tarefa complicada.

A partir de nossa experiência em uma escola de Juiz de Fora, onde trabalhamos a produção de um jornal impresso semestral, com reuniões semanais para discussões de pautas, exposições de ideias e opiniões sobre o que tem acontecido nas salas de aula, entendemos que o trabalho indicado pelo jovem, e não imposto por adultos, tem muito mais chance de dar resultado. Isso porque o jovem é capaz de corresponder melhor àquilo sugerido por ele, pois são seus interesses, suas ideias e opiniões que estão formando tal projeto. Com isto surge o Protagonismo Juvenil, que consideramos aqui como o desejo de liderança e participação adolescente⁴.

Uma vez inseridos em um trabalho feito por eles, mostrando suas ideias, os estilos de cada um, o jovem se mostra disposto a fazer, a realizar tal projeto, em conjunto com outros jovens. Às vezes, o grupo formado nem é tão homogêneo assim. Apesar de terem um interesse em comum, outras características aproximam e afastam os integrantes do mesmo grupo. Para o adulto, trabalhar com estas *sub-diferenças* seria um novo desafio. Mas a solução também se encontra diante dos adolescentes. As diferenças acabam somando ao processo do trabalho, dando noções de democracia e participação, outros conceitos formadores do Protagonismo Juvenil.

No decorrente trabalho apresentaremos as principais definições sobre juventude, comparando até mesmo com juventudes anteriores, e veremos o surgimento do Protagonismo Juvenil a partir da aplicação de um trabalho escolar que utiliza os meios de comunicação. A partir desta análise, dois são os objetivos: incentivar práticas feitas para os jovens e pelos jovens, destacando suas ideias e opiniões e dando um espaço maior de participação no ambiente escolar, e apresentar os meios de comunicação para



⁴ Os termos adolescente, jovens e juventude serão tratados neste artigo como sinônimos.

trabalhos da juventude, vendo esta união como algo atrativo para o jovem, capaz de sair das salas de aula e dinamizar o processo de aprendizagem.

A juventude não morreu

Não é raro se deparar com alguém mais velho que diga: “não se veem mais jovens como antigamente”. O que as juventudes das décadas de 60, 70, 80 e 90 vivenciaram ficou marcado na história do Brasil. Os tempos eram outros. A época da Ditadura Militar (1964-1985), por exemplo, instalou dois caminhos: o silêncio ou a revolta. Muitas pessoas insatisfeitas com o regime encontraram pela frente a censura, a tortura, o exílio e até mesmo a morte.

Outro exemplo de forte manifestação juvenil foi o *impeachment* sofrido pelo então Presidente da República, Fernando Collor de Mello, em 1992. Devido a algumas denúncias envolvendo-o em esquemas de corrupção, estudantes - vestidos e pintados com as cores da bandeira - foram às ruas protestar e pedir o seu afastamento. Tal situação marcou a história do país, e estes manifestantes ficaram conhecidos como “geração cara-pintada”.

Mas os tempos mudaram. Hoje, sem mais tantas manifestações patrióticas, o pensamento sobre o jovem se rendeu a assuntos problemáticos como violência, uso de drogas e desemprego ou à alienação e ao consumismo exacerbado, tornando-o alvo fácil para os meios de comunicação de massa. Segundo Hall (2006), a cada dia que passa as relações do ser humano tendem a se fragmentar. Isto se dá pelo processo de individualismo pelo qual a sociedade tem passado, em que as pessoas se afastam e não mais se identificam, ao mesmo tempo em que criam grupos que compartilham os mesmos interesses. “As identidades moldam-se a partir da relação com o outro, com aquilo que não é, com o exterior. Há um jogo de poder e exclusão, negação e aceitação, que vai resultar na estruturação identitária” (MAIA, 2009,p.14).

Porém, mais a frente, Aline Maia enxerga para a juventude uma esperança que, segundo ela, advém da responsabilidade dos meios de comunicação.

Imagens estereotipadas em relação à juventude – ora associadas à transgressão e à delinquência, ora à apatia ou ao consumismo – começam a ser derrubadas a partir do momento em que a mídia apresenta uma produção instigante e criativa voltada para os jovens e sobre os jovens. Meios de comunicação compromissados com a juventude podem colaborar para o desenvolvimento da capacidade



crítica dos integrantes deste segmento, bem como para o incentivo e fortalecimento de novas lideranças (MAIA, 2009, p.66).

É a partir disto que a nova juventude deve se apresentar. Os jovens devem ser vistos não como os meios acham que eles são, mas como eles realmente são. Estereótipos devem ser quebrados para que o jovem consiga se enxergar através da mídia. Mas como fazer isso sabendo que a maioria dos meios de comunicação não é compromissada com a juventude, mas sim com o posicionamento da empresa? Onde buscar apoio em um mundo cada vez mais veloz e superficial, incapaz de se aprofundar no universo jovem e buscar suas conquistas, interesses e vontades?

Talvez não seja o caso de encontrar uma solução, mas de criar uma. Juan Diaz Bordenave (1992) defende que participar é uma característica natural do ser humano. “Ocorre que a participação não é somente um instrumento para a solução de problemas, mas sobretudo, uma *necessidade fundamental do ser humano*, como o são a comida, o sono e a saúde” (BORDENAVE, 1992, p. 16). Indo um pouco além, diria até que é uma qualidade dos jovens. Nesta etapa de transição em que se encontram, surgem as opiniões, as escolhas por grupos, as impressões sobre o mundo. E é o incentivo a isto que dá a oportunidade de gerar novos conceitos sobre eles mesmos.

Mas onde encontrar este apoio, incentivador da participação, uma vez que a massa é diariamente atacada por padrões de beleza, moda, comportamento e regras sobre o universo jovem? Como encontrar auxílio se a base das informações aponta para o consumismo e/ou a violência juvenil? Todas essas questões podem ser respondidas dentro do ambiente escolar, onde encontramos inúmeras ferramentas para atender nossa juventude.

Uma escola jovem

Carteiras enfileiradas diante do quadro negro. Cadernos e livros abertos nas páginas pedidas. Aluno sentado, professor em pé. É desta forma que, na maioria das vezes, imaginamos uma sala de aula. Já nos acostumamos com a posição de um professor, sempre à frente, falando, explicando algo, e os alunos anotando a matéria. A postura de ambos é normal, mas raramente favorece a participação juvenil. Os adolescentes passam grande parte do dia na escola. Desde pequenos são incentivados pela própria família no cumprimento de suas obrigações em sala de aula. Mas e a escola? Até onde sua função de educar deve ir para cumprir seu papel e, ao mesmo



tempo, ser uma proposta interessante para educadores e jovens aprendizes? Sobre a dinâmica do ensino escolar tradicional Paulo Freire (1977) observa:

Nesta educação vertical, hierárquica, autoritária, tudo se processa para imposição de um saber, pois que o professor sabe tudo e o aluno nada sabe e assim aceita, sem pestanejar, as normas que o poder impõe. Procura-se deste modo desacreditar, extinguir nos jovens, o espírito crítico, de liberdade e de responsabilidade e até a consciência da cultura e da identidade nacionais (FREIRE, 1977, p.17)

Em relação à participação juvenil em projetos escolares, Carias e Cilião (2011) apresentaram um trabalho com estudantes do Ensino Fundamental na rádio escola Antena 23. Durante o acompanhamento de oito programas, as autoras avaliaram a participação dos alunos, usando um meio de comunicação no ambiente escolar que, ao contrário do modelo criticado por Freire, ajuda no desenvolvimento do ensino.

Nesse ambiente de inter-relação da comunicação e educação, os jovens se veem protagonistas no processo de produção e divulgação de informação, além de terem a oportunidade de trocar conhecimentos. Essas possibilidades nem sempre acontecem dentro das salas de aula, onde comumente encontramos relações verticalizadas: a figura do professor representa a “autoridade” detentora dos saberes, e os alunos assumem os postos de personagens passivos que têm como responsabilidade apenas absorver o conteúdo transmitido nas aulas (CARIAS e CILIÃO, 2011, p.38)

A inter-relação que as autoras defendem é a principal proposta quando se fala em Protagonismo Juvenil. Os meios de comunicação, uma vez aliados ao ensino, são capazes de render bons frutos, como noções de cidadania e democracia na escola. É por isso que o incentivo dos educadores é fundamental, pois os objetivos, tanto da escola como dos meios são, ou deveriam ser, os mesmos. Esta união pode tornar o ensino mais atrativo para os alunos, despertando maiores interesses, não só em aprender, mas em participar e apreender o conteúdo. Deste modo, aumentam nas salas de aula as possibilidades de formar cidadãos capazes de responder melhor às exigências do universo adulto. Educação e Comunicação aliados pelo Protagonismo Juvenil. Dessa forma, passemos adiante ao que é este Protagonismo e as melhores formas de inseri-lo no ambiente escolar.

O Protagonismo Juvenil

Antes de falar em Protagonismo Juvenil, consideramos importante dissertar sobre alguns aspectos da Educomunicação. Isto é fato porque acreditamos que a partir



de medidas aplicadas pelo segundo, haja maiores condições para que o primeiro seja capaz de se manifestar. Termo da década de 1970 discutido e conceituado por Mário Kaplún, Educomunicação vem a ser a Leitura Crítica dos Meios. Alguns educadores identificam a Educomunicação como “tecnologias da educação” ou seja, emprego de recursos da informação no ensino. Outros a definem como “educação para a comunicação”, que é o saber consumir criticamente o que é fornecido pela mídia, e outros tratam por “comunicação educativa” que é mais trabalhado com o público infanto-juvenil no discurso da responsabilidade social. Porém, em meio a tantas definições, o termo Educomunicação ainda possui Silva uma grande dificuldade de entendimento. De acordo com Cassiano José (2006) isto acontece porque educadores e comunicadores ainda não conseguiram se unir para tal trabalho.

Apesar dos exemplos arrolados, o conceito de educomunicação ainda não foi incorporado ao cotidiano de educadores e comunicadores. Prefere-se falar em dois campos que ora se confrontam (educadores condenando a qualidade dos produtos televisivos), ora se aproximam (meios de comunicação investindo em programas educativos), mas que jamais se unem, sob pena de descaracterização recíproca (JOSÉ, 2006, p.42)

Observando esta situação, os estudantes são os maiores prejudicados. E esta visão incomoda há bastante tempo. Em palestra realizada por Guillermo Orozco Gómez (1999) na abertura do V Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Centro-Oeste, o autor já dialogava com as ideias propostas por Freire em 1977. “Transformar a pedagogia tradicional vigente supõe, entre outras coisas, primeiro mudar o ponto de partida e o ponto de chegada” (GÓMEZ, 1999, p.67).

A Educomunicação, independente de todas as definições e suas semelhanças ou diferenças entre os termos criados e relacionados, vem como uma proposta de mudar, transformar o ensino. Dando maior visibilidade aos alunos, a proposta é inserir os meios de comunicação de maneira consciente para o educador e para o educando, proporcionando um espaço de interação, aprendizado e resultados positivos quanto à participação estudantil no ambiente escolar e lições de autonomia e democracia.

É neste meio que nasce o Protagonismo Juvenil. De acordo com Antônio Carlos Gomes da Costa e Maria Adenil Vieira (2006) a expressão significa a possibilidade de construir uma juventude através da colaboração entre jovens e adultos, apostar na força transformadora dos adolescentes, criar espaços para o diálogo franco e aberto entre estes e os adultos e promover oportunidades para a expressão criativa e responsável de seu



potencial. Com o objetivo de atingir o maior número de jovens, a meta é diminuir as desigualdades sócio-econômicas e promover a inclusão de jovens inseridos nos tipos de *juventudes* menos favorecidas, como a pobre, a negra, no geral, as que não tiveram oportunidades.

Neste contexto de incentivo, de ações voltadas para o jovem, tudo o que foi abordado até agora se une em uma só questão, o desenvolvimento deste Protagonismo. Escola, educadores, família, sociedade, juventude, todos juntos na contribuição de novas práticas pedagógicas, dando espaço ao jovem para participar e ter voz em sua história, na de sua escola, comunidade e até mesmo na do país. “(...) o protagonismo juvenil diz respeito à atuação criativa, construtiva e solidária do jovem, junto a pessoas do mundo adulto (educadores), na solução de problemas reais na escola, na comunidade e na vida social mais ampla (COSTA e VIEIRA, 2006, p. 22)”.

Em resumo, uma vez inserido em uma atividade em que sua participação, suas ideias e opiniões, são ouvidas e consideradas, temos o Protagonismo Juvenil, pois agora o agente da ação não mais é o educador, naquele sistema antigo de ensino verticalizado, mas sim o jovem. Uma vez estabelecida, a atividade realizada com estes objetivos, colocando o adolescente no centro das realizações dos trabalhos, acaba auxiliando o jovem na busca da identidade, elevação da auto-estima e da auto-realização, na organização, a lidar com seu potencial e suas limitações e coordenação das atividades e trabalho em equipe, desenvolvendo, assim, seus campos pessoal e profissional.

Costa e Vieira (2006) ainda se apoiam em José Bernardo Toro para destacar os trabalhos entre jovens e os meios de comunicação dentro das escolas. “Tosas as crianças, adolescentes e educadores devem aprender a interagir com as diversas linguagens expressivas dos meios de comunicação, para que possam criar formas novas de pensar, sentir e atuar no convívio democrático (TORO, 1997, p.56, apud COSTA e VIEIRA, 2006)”. E é com base nisto que apresento a produção do Saci News.

O Saci News

O estudo apresentado é um recorte do trabalho de campo feito por esta estudiosa em sua conclusão de curso na Universidade Federal de Juiz de Fora. Trata-se de um recorte porque a análise e os próprios trabalhos feitos com os alunos em questão só se darão no início do mês de julho, quando o jornal impresso intitulado pela escola de Saci News será finalizado.



A Escola Saci Pererê foi fundada em 1965 graças à iniciativa de três senhoras: Maria Thereza Muzzi de Paula Ribeiro, Berenice Ribeiro Machado e Marta Valle Mendes Moreira. Mães zelosas e preocupadas com a educação dos filhos, as três idealizaram uma escola diferente, moderna e com um ensino diferenciado, dando maior atenção aos alunos e às suas famílias, diferente do que existia na cidade naquele tempo. Com o passar dos anos, a escola passou por várias mudanças, inclusive no nome. Em 2005, após várias mudanças administrativas, o colégio passou a se chamar Escola Internacional Saci, situado no bairro Teixeiras de Juiz de Fora.

Muitos projetos foram inseridos com esta mais recente mudança. O termo Internacional foi aplicado devido ao ensino bilíngue, na qual um período a mais na escola está direcionado para o aprendizado do inglês em horário estendido e durante todos os dias úteis da semana. Além disso, a escola é reconhecida na cidade por suas práticas pedagógicas diferenciadas, como o trabalho por Projetos e o Montessori⁵, que são pedagogicamente direcionadas e trabalham juntas dentro das salas de aula. Atualmente, a escola possui cerca de 300 alunos, divididos em Educação Infantil, Ensinos Fundamentais I (2º ano à 4ª série) e II (5ª à 8ª série). O trabalho a ser analisado se dá com alunos do Ensino Fundamental II, onde diversas atividades extracurriculares são realizadas. Uma delas é o Núcleo de Jornalismo, de onde vem a realização do Saci News.

O Núcleo de Jornalismo foi criado em 2009 pela diretora administrativo-financeira Raquel Campanate de Azevedo. Ainda sem a interferência dos alunos, Raquel fez o primeiro jornal impresso tentando ilustrar os principais acontecimentos da escola, como eventos, Festa Junina etc, e o que ocorria dentro das salas de aula, como atividades e trabalhos. Depois dessa iniciativa, Raquel propôs aos alunos do turno da manhã (5ª à 8ª) participarem de uma equipe responsável pela realização do jornal. Deste modo, surgiu o Núcleo de Jornalismo e o Saci News.

⁵ Projetos e Montessori são duas práticas pedagógicas usadas na Escola Internacional Saci. Enquanto a primeira exige dos alunos uma participação coletiva, propondo temas de estudo para a sala, na segunda os alunos trabalham de maneira mais individual, possibilitando o desenvolvimento da autonomia e a independência.



Para a realização deste trabalho, porém, a escola, desde 2009, possui uma estagiária da área da Comunicação que coordena a elaboração das pautas, produção dos textos, entrevistas e diagramação. Duas estagiárias já participaram da produção do jornal, e desde 2010, a autora deste artigo é quem estabelece este contato com o grupo de jovens. O jornal é colorido, possui seis páginas, sendo que a última é em inglês, destacando o diferencial da escola em ser bilíngue.

Os integrantes do Núcleo de Jornalismo se encontram uma vez por semana, das 15h às 17h (horário extra-classe), para discussões sobre pautas, textos e entrevistas. Nas primeiras reuniões, se dá a apresentação do que é o Núcleo de Jornalismo, compromissos a serem cumpridos e, principalmente, que o jornal depende inteiramente do esforço de cada um dos integrantes em escrever suas matérias. Atualmente, o núcleo conta com a participação de dez estudantes⁶.

Na primeira aula, a discussão sobre pautas é o que mais mostra as personalidades de cada integrante. Uns mais calados, outros nem tanto, as ideias vão surgindo e alguns projetos vão se destacando e agradando os adolescentes do Núcleo. Uma regra editorial para que o jornal exista é que todas as idades devem estar representadas no jornal. Neste primeiro semestre de 2012, teremos, por exemplo, uma matéria sobre o projeto do 1º período (Educação Infantil), uma do 3º ano (Ensino Fundamental I), e dos projetos de 5ª e da 8ª série (Ensino Fundamental II), escolhidas não por fazer parte do universo dos integrantes do Núcleo, mas porque os temas agradaram todo Núcleo. Os eventos da escola também são pautas fortes. Aniversário da escola e Jogos Escolares da Amizade serão os principais destaques. Para a última página uma turma do Programa Bilíngue vai ter a oportunidade de mostrar seus estudos sobre esportes radicais, e um intercambista africano também terá seu espaço em formato de box com algumas curiosidades sobre seu país, a Nigéria.

Na discussão das pautas os alunos ainda podem escolher algum tema de interesse que foge um pouco ao contexto escolar. Para a primeira edição de 2012, os adolescentes escolheram falar sobre Redes Sociais, dialogando com os conflitos gerados quando estas ferramentas são usadas dentro da escola, colocando as opiniões de pais, estudantes e professores etc.

⁶ O número de integrantes varia de acordo com o interesse dos alunos de cada turma. Em 2012 foi a primeira vez que alunos de 5ª série foram convidados a participar da atividade, e o número máximo permitido no Núcleo de Jornalismo é de dez alunos.



A produção dos textos, em sua grande maioria, foi feita entre duplas. Alunos da 5ª série faziam matérias com os da 7ª e da 8ª, misturando todos em pequenas equipes. As principais decisões eram feitas pelas duplas responsáveis por suas matérias, mas o debate agrada o grupo, que não perde a oportunidade de questionar decisões colocadas em pauta.

O momento das entrevistas foi o maior desafio para os alunos. Além da dificuldade em formular perguntas para os entrevistados, a timidez em relação a professores, funcionários e outros alunos dificultou alguns trabalhos do Núcleo de Jornalismo. Para resolver esta questão, a coordenadora pedagógica e a da área comunicacional se aliaram para ajudar com informações, possíveis angulações e formas de abordagem melhores para este momento. Acompanhando todas as aulas e o desenvolvimento das ideias e dos textos para o jornal, as duas profissionais foram inseridas ao contexto jovem, se aproximando mais do trabalho de cada dupla, e ajudando nestas dificuldades de escrita e diálogo com as salas de aula.

Em princípio, ninguém quis se responsabilizar pela diagramação, deixando a para esta estudiosa a tarefa de decidir a disposição de cada matéria nas páginas. Porém, após uma conversa com o grupo, eles alegaram que o jornal jamais ficaria do jeito deles se eles mesmos não ficassem responsáveis por todos os setores, inclusive o momento de diagramar o jornal, pois até mesmo o formato e as cores tinha que refletir uma personalidade mais jovem.

Ao todo foram produzidas dez matérias, cada uma por uma dupla, com título, subtítulo, fotos e diagramação para o jornal em modelo tabloide, coordenada pelos próprios alunos do Núcleo de Jornalismo.

Conclusão

A partir desta análise e do que foi visto anteriormente sobre Protagonismo Juvenil, observo que todos os conceitos aplicados se verificam no Núcleo de Jornalismo. Mesmo havendo coordenações de áreas diferentes, ou seja, uma da Educação, acompanhando o desenvolvimento dos alunos e trabalhando responsabilidade e disciplina durante os trabalhos, e outra da Comunicação, que ensina e orienta como a melhor forma de trabalhar com os meios, entendemos que a preocupação de ambas é fazer com que o trabalho dos integrantes do Núcleo dê um resultado satisfatório para os mesmos, refletindo nos bons trabalhos desenvolvidos pela escola.



Acreditamos que nenhum trabalho como este, baseado em meios de comunicação dentro do ambiente escolar, possa dar certo se os alunos não forem incentivados por seus educadores, pessoas que tem por dever apoiar e investir em trabalhos capazes de mudar o ambiente que estudam, a comunidade a qual pertencem, o mundo em que vivem. E também defendo que educadores e comunicadores devem deixar de lado seus pré-conceitos uma vez dentro de sala, pois ali o objetivo dos dois deve ser o mesmo: atuar em prol de uma educação de qualidade, capaz de formar os jovens para a participação, autonomia, cidadania e democracia da idade adulta.

REFERÊNCIAS

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é participação**. Coleção Primeiros Passos. Ed. Brasiliense, 1992.

CARIAS, Laís Ferreira; e CILIÃO, Marina Raisa. **Nas ondas da Antena 23: A Rádio Escola e suas Interferências na Formação dos Alunos do Colégio de Aplicação João XXIII**. Faculdade de Comunicação Social. UFJF, 2011.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da; e VIEIRA, Maria Adenil. **Protagonismo Juvenil – adolescência, educação e participação democrática**. Ed. FTD S.A. São Paulo, 2006.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade** – e outros escritos. 3. Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. **Comunicação, educação e novas tecnologias: Tríade do século XXI**. V Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Centro-Oeste. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JOSÉ, Cassiano. **Escola em tempo de comunicação**. Revista Educação, edição 123.

MAIA, Aline Silva Corrêa. **Telejornalismo e identidade: Estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens da periferia de Juiz de Fora**. Mestrado. Faculdade de Comunicação Social, UFJF, 2009.

SALLES, Nara Oliveira. **Oficina audiovisual com crianças em Juiz de Fora: a construção de um olhar crítico**. Juiz de Fora. Artigo. Faculdade de Comunicação Social, UFJF, 2010.

SILVA, Fernanda Coelho da. **Educomunicação para a cidadania juvenil – A experiência do Jornal e Rádio no UFJF: Território de Oportunidades**. Faculdade de Comunicação Social, UFJF, 2008.